

NADA DAR AO TIRANO: OU CONSTITUIR NOVAS FORMAS DE VIDA COM AJUDA MÚTUA

Fernanda Eiras Rubio

Graduanda em Artes Visuais (licenciatura) pela Universidade de Taubaté e graduada em Pedagogia pelo Instituto Singularidades. E-mail: fernandarubiohc@gmail.com

Pedro Luiz Stevolo

Mestrando em História Social pela Universidade de São Paulo, graduado em Filosofia (bacharelado) pela Universidade de São Paulo e graduado em História (licenciatura e bacharelado) pela PUC Campinas. E-mail: pedro.stevolo@gmail.com

Resumo: O presente trabalho tem por objetivo levantar reflexões sobre a possibilidade de constituirmos uma sociedade mais próspera por meio das ideias de demodiversidade e de ajuda mútua, frente ao cenário atual do Estado brasileiro caracterizado por uma política tirânica e suicidária. Para isso, em um primeiro momento apresentaremos a noção de Estado tirânico e suicidário e como se relaciona com o comportamento do atual presidente do Brasil diante da pandemia de coronavírus (covid-19) no país. Em um segundo momento, desenvolveremos a questão sobre uma democratização real e participativa através do conceito de demodiversidade. Na terceira e última parte, apontaremos a ideia de ajuda mútua como um horizonte para uma sociedade mais próspera, criando novas formas de vida e coexistência a partir das mudanças que estão ocorrendo devido à pandemia global.

Palavras-chave: Ajuda Mútua; Demodiversidade; Tirano; Estado.

Abstract: The present work aims to raise reflections on the possibility of constituting a more prosperous society through the ideas of demodiversity and mutual help, in view of the current scenario of the Brazilian State characterized by a tyrannical and suicidal policy. For this, in a first moment we will present the notion of tyrannical and suicidal state and how it relates to the behavior of the current president of Brazil in the face of the coronavirus pandemic (covid-19) in the country. In a second step, we will develop the question about a real and participatory democratization through the concept of demodiversity. In the third and last part, we will point out the idea of mutual aid as a horizon for a more prosperous

society, creating new forms of life and coexistence from the changes that are occurring due to the global pandemic.

Keywords: Mutual aid; Demodiversity; Tyrant; State.

*Qualquer dia a gente se vê
Sei que nada será como antes, amanhã
Que notícias me dão dos amigos?
Que notícias me dão de você?
Alvorço em meu coração
Amanhã ou depois de amanhã
Resistindo na boca da noite um gosto de sol
("Nada será como antes" – Milton Nascimento)*

Tirânico e suicidário

O pronunciamento do presidente da república¹ do Brasil realizado no dia 24 de março de 2020, ameaçando e intimando os cidadãos brasileiros para que saiam de suas casas e voltem ao trabalho deixou boa parte da população espantada e indignada. O fato do líder da nação contrariar absolutamente todas as recomendações nacionais e internacionais² e impor a necessidade do povo ignorar a quarentena decretada pelos estados e voltar aos seus respectivos trabalhos para que possam salvar a economia do país, ao invés de suas próprias vidas, colocou uma nova perspectiva sobre o estágio atual da política brasileira e sobre o tipo de sociedade, ou mesmo de indivíduos, que construiremos para o futuro.

O Tirano, que ainda insistimos em chamar de presidente de uma república chamada Brasil, em meio às medidas implantadas pelos governos estaduais, estufou o peito e agiu, e em rede nacional “informou” que o vírus (covid-19), que vem ceifando vidas ao redor do globo, não passa de uma gripezinha, sendo necessária a volta à normalidade da nação, como forma de salvamento da economia, reiterando as “informações” que circulavam por meio do seu *modus operandi* habitual, ou seja, as redes sociais.

O vírus que atualmente assola e preocupa o mundo impôs a necessidade de uma modificação, quase que completa, do modo como organizamos e produzimos nossas vidas. No Brasil, apesar da fala do “chefe” da nação, a maioria ainda parece estar de acordo com as recomendações, ou seja, permanece em suas casas como forma de evitar que este vírus se alastre ainda mais. Parte destes quarentenados indignados demonstraram sua insatisfação

¹ Neste texto, por questão de coerência, não utilizaremos os termos presidência e república em letras maiúsculas, como diz a norma culta, por entender que estas já não existem no país desde o golpe de 2016.

² Referimo-nos aqui às recomendações do Ministério da Saúde e da Organização Mundial da Saúde. Isso se não ocorrer uma mudança no Ministério da Saúde, como vem sendo alardeado enquanto escrevemos este texto. In: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/04/bolsonaro-avalia-demitir-mandetta-do-ministerio-da-saude.shtml>. Acesso em: 06.04.2020.

com o pronunciamento ao “agredirem” suas panelas das janelas de casas e apartamentos, fato esse que vem ocorrendo ao longo das semanas, pelo menos é o que se constatou nas regiões economicamente mais favorecidas das grandes cidades³.

No entanto, é importante questionar se estes quarentenados indignados configuram aquela parcela da população que ainda mantém os serviços essenciais dos grandes centros urbanos, como carteira(o)s, enfermeira(o)s, profissionais da segurança pública e privada, profissionais de serviços de limpeza público e privado, entregadores de alimentos, motoristas etc., pois, estes, ao que parece, continuam a depender da sorte, de “pegarem” apenas um gripezinha.

Uma forma muito comum utilizada pelos quarentenados indignados, ainda mais no momento atual, tem sido a forma de expressão e comunicação por meio das chamadas redes sociais⁴. Elas têm sido utilizadas a todo vapor, ainda mais em tempos do chamado tédio enfrentado pela humanidade em dias de quarentena, e diversas palavras e imagens são produzidas como forma de demonstração de suas opiniões, que a todo momento repetem o nome do presidente da república, seguida de xingamentos e pedidos para sua saída do cargo.

Além de se expressarem nas redes, os quarentenados, indignados ou não, têm encontrado tempo para “furar a quarentena” e fazerem suas caminhadas e exercícios nas ruas da cidade, antes frequentadas por eles apenas por meio do automóvel, uma vez que os parques, que antes lhes forneciam segurança, agora permanecem fechados para segurança de todos contra o vírus.

Por conta disso, afirmamos: nada devemos dar ao Tirano! Nem mesmo palavras nas redes.

A rede social é o mecanismo que o Tirano mais domina, por meio dela ele chegou ao poder e é por meio dela que ele governa, afirmando verdades ou mentiras, a máquina de metadados continua a dar visibilidade, representatividade e governança ao “líder” da república brasileira. Expressar-se nas redes, contra o Tirano, ou mesmo como tem sido sua vida enfrentando a quarentena, é fomentar a indústria da comunicação, aquele mesmo setor que vendeu os dados dos usuários para influenciar campanhas políticas da extrema direita nos últimos anos, e aquele que mais tem se valorizado no mercado financeiro na atual fase

³ In: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/03/24/cidades-brasileiras-registram-panelacos-contrabolsonaro.ghtml>; <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/03/31/cidades-brasileiras-registram-panelaco-contrabolsonaro-pelo-15o-dia-seguido.ghtml>. Acesso em 04.04.2020.

⁴ Dizemos “chamadas” redes sociais, pois, na maior parte das vezes elas se apresentam enquanto redes antissociais.

do neoliberalismo. Cada postagem de um quarentenado gera mais lucro para as grandes corporações que financiam e fornecem um aplicativo “gratuito” aos usuários mundo afora⁵.

Dentro deste contexto, chega-se à conclusão que o atual Estado Tirânico brasileiro, vive sua fase de “estado suicidário”, conforme afirmou Vladimir Safatle (2020), como parte de um experimento de um novo modelo de gestão do neoliberalismo,

Um estado como o nosso não é apenas gestor da morte. Ele é ator contínuo da sua própria catástrofe, ele é o cultivador da sua própria explosão. Para ser mais preciso, ele é a mistura da administração da morte de setores de sua própria população e do flerte contínuo e arriscado com sua própria destruição. (SAFATLE, 2020, p.03)

Segundo o autor, o tirano brasileiro, frente à atual condição pandêmica, age no sentido de jogar seu próprio povo à própria sorte no enfrentamento da morte que pode vir a ser causada pelo coronavírus (covid-19)⁶, tudo para que, embora vidas sejam perdidas, a economia seja salva⁷. Embora parte da população seja colocada mais em risco do que outras, o atual “estado suicidário” não distingue mais aquelas pessoas que sejam mais descartáveis que as outras, todas são colocadas em uma mesma “igualdade” de condições da sorte e da morte.

Até bem pouco tempo, o país dividia seus sujeitos entre “pessoas” e “coisas”, ou seja, entre aqueles que seriam tratados como pessoas, cuja morte provocaria luto, narrativa, comoção e aqueles que seriam tratados como coisas, cuja morte é apenas um número, uma fatalidade da qual não há razão alguma para chorar. Agora, chegamos à consagração final dessa lógica. A população é apenas o suprimento descartável para que o processo de acumulação e concentração não pare em hipótese alguma. (SAFATLE, 2020, p. 06)

Dado o estado atual da república brasileira e do modo de desenvolvimento e experimento do ultraneoliberalismo capitalista, prometido, fomentado e em processo de

⁵ Haja vista as crescentes investigações envolvendo a coleta de dados de usuários e a criação de propagandas direcionadas nas últimas eleições mundo fora encabeçada pela Cambridge Analytica. Como bem demonstraram os Documentários *Driblando a Democracia* (2018) e *Privacidade Hackeada* (2019). Ou mesmo a experiência de Inteligência Artificial da Microsoft que com o passar do tempo se tornou racista, sexista e xenófoba. In: https://brasil.elpais.com/brasil/2016/03/24/tecnologia/145885274_096966.html. Acesso em: 01.04.2020.

⁶ Vírus este que, segundo consta até o momento, foi trazido da Europa e irresponsavelmente disseminado no país por uma elite parasitária existente desde os tempos coloniais. Conforme informa a matéria: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/redesocial/2020/03/o-circuito-dos-ricos-e-famosos-que-disseminaram-coronavirus-no-brasil.shtml>. Acesso em: 30.03.2020.

⁷ Vale lembrar que durante a campanha presidencial de 2018, o atual presidente da república já havia apresentado claramente sua visão em relação às maiorias e minorias, com a frase: “As minorias devem se curvar às maiorias, a lei deve existir para defender as maiorias, as minorias se adequam ou simplesmente desaparecem”. Seus eleitores não sabiam é claro, que no atual estado, as minorias seriam aquelas que pudessem morrer ou mesmo trabalhar para salvar a economia da maioria. Para essa fala ver: https://www.youtube.com/watch?v=X_z6Hakdw3A. Acesso em: 31.03.2020.

realização do tirano brasileiro, é que retomamos as palavras escritas por Étienne de La Boétie no século XVI:

No entanto, não é preciso combater esse único tirano, não é preciso anulá-lo; ele se anula por si mesmo, contanto que o país não consinta a sua servidão; não se deve tirar-lhe coisa alguma, *e sim nada lhe dar*; não é preciso que o país se esforce a fazer algo para si, contanto que nada faça contra si. (LA BOÉTIE, 1987, p. 14) (*grifo nosso*)

Em nome dessa máxima, colocada pelo pensador francês ao se questionar sobre o porquê do fato dos seres humanos obedecerem e aceitarem as ordens de um único líder, é que reforçamos a ideia de que nada devemos dar a ele, nem panelas, nem likes, nem dislikes e nem piadas ou memes, devemos sim, não fazer nada contra nós mesmos, devemos nos dedicar na constituição de novas formas de vida e de ajuda mútua, que não passe pelo atual modo como o Estado se constitui, de modo a fazer com que Estados e tiranos, simplesmente desapareçam.

Uma democratização real e participativa, a demodiversidade

Do repúdio aos desgastes que os tiranos e Estados causam, nos fazendo sentir impotentes e fracos diante de tantos absurdos que violam o bom senso e, pelo respeito à vida e suas complexidades, é que formas de democratização reais devem surgir para tornar possível práticas mais participativas e até mesmo mais educativas.

Precisamos de uma nova concepção de formas de vida que aumente a nossa potência, de novas formas de participação e de intervenção das comunidades com o aprofundamento da autossuficiência (que não significa isolamento e total independência em uma sociedade complexa e extremamente desigual, pelo contrário, é o desenvolvimento de força entre os agentes em redes de emancipação) para uma autonomia baseada no conceito de demodiversidade trazido por José Manuel Mendes e Boaventura de Sousa Santos.

Neste conceito se possibilitam horizontes de alternativas para as práticas democráticas ou mesmo do fortalecimento da demodiversidade, pois

Essa tese implica reconhecer que não existe nenhum motivo para a democracia assumir uma só forma. Pelo contrário, o multiculturalismo e as experiências recentes de participação apontam no sentido de deliberação pública ampliada e do adensamento da participação. (SANTOS, 2002, p. 77)

A demodiversidade seria assim, uma perspectiva, um horizonte de possibilidades de formas democráticas que coexistam de diferentes formas ao redor do mundo, que não

aquela democracia burguesa republicana e representativa criada na Europa e introduzida a fórceps em outros países. Santos desenvolve este conceito de demodiversidade na perspectiva de observar e aprender como as democracias se desenvolveram ao redor do mundo, para além da forma cristalizada na Europa.

Contra esta visão eurocêntrica de democracia é que Santos e Mendes introduzem o que chamam de pensamento pós-abissal⁸, na medida em que este permite uma ampliação do campo referencial e experimental das diferentes formas de práticas democráticas existentes, tomando como base os estudos das chamadas epistemologias do Sul⁹, que consiste em descolonizar, desmercantilizar e despatriarcalizar a política. Política essa, que no atual cenário brasileiro avança em sentido oposto, caracterizada pela hostilidade e regresso, principalmente em relação aos direitos humanos e ambientais.

Para democratizar tais valores defendidos por esquerdistas, comunistas e anarquistas para uma sociedade (incluindo o governo) mais justa, ética e responsável é necessário desenvolver ferramentas de concepções instituidoras de dignidade e de igualdade, que reconhece e legitima outros saberes e conhecimentos, como Mendes e Santos sugerem para a transformação dos espaços estruturais aos seus contextos através das relações sociais:

A aplicação sistemática de uma sociologia das emergências tornou explícito que a concepção eurocêntrica de democracia, apesar de ser dominante, não é a única vigente no mundo. Ao lado dela, em conflito ou em articulação com ela, existem outras concepções e outras práticas de democracia que são instituidoras de dignidade e de igualdade. Essas concepções e práticas democráticas alternativas constituem-se como ferramentas de descolonizar, desmercantilizar e despatriarcalizar as relações sociais, transformando a sociedade em lugares de democratização que percorrem todos os espaços estruturais das sociedades contemporâneas. (SANTOS & MENDES, 2018, p.531)

A sociologia das emergências visa observar com atenção os sinais do presente por perceber neles tendências ou embriões sobre como o cenário pode se desdobrar e se tornar

⁸De acordo com o autores o pensamento abissal é aquele “(...) que separa as sociedade e as formas de sociabilidade metropolitanas das sociedades e formas de sociabilidade coloniais, em que tudo o que é válido, normal e ético no lado metropolitano não se aplica no lado colonial da linha.” (SANTOS & MENDES, 2018, p. 18). Nessa linha, para os autores, “Nosso objetivo é problematizar o caráter abissal das relações sociais em diferentes contextos e espaços estruturais, e reivindicar a possibilidade da convivência pós-abissal. Reivindicar o pós-abissal democratizando as relações econômicas (pós-capitalismo), democratizando as relações que se baseiam na inferioridade supostamente natural, racial ou étnico-cultural do oprimido (pós-colonialismo) ou as relações que assentam na diferença sexual ou de orientação sexual como fator de opressão (pós-patriarcalismo).” (SANTOS & MENDES, 2018, p. 21)

⁹ “As epistemologias do Sul têm que ver com a produção e a avaliação de conhecimentos ancorados nas experiências de resistência de todos os grupos sociais que sofreram sistematicamente a injustiça, a opressão e a destruição causadas pelo capitalismo, pelo colonialismo e pelo patriarcado.” (SANTOS & MENDES, 2018, p. 18)

decisivo no futuro. Em uma fase ultraneoliberal podemos constituir e utilizar de novas formas de vida como proteção e resiliência às políticas austeras que a cada dia nos precarizam mais. E são estas novas formas de vida que recriamos, retomamos e reinventamos que entram em conflito ou em articulação com esta concepção eurocêntrica, estática ou distante de democracia, que obviamente nunca representou ninguém, pois somos complexos. É preciso descolonizar nosso caminho!

Adentrando sobre a questão de autonomia e organização, podemos nos inspirar na tese de Piotr Kropotkin em que defende a sociabilidade e ajuda mútua como a maior arma dos seres vivos na luta pela vida em todas as circunstâncias.

(...) Nem os poderes esmagadores do Estado centralizado, nem os ensinamentos de ódio e de luta impiedosa, disfarçados de atributos de ciência, vindos de filósofos e sociólogos serviais, conseguiram eliminar o sentimento de *solidariedade profunda enraizado no coração e na mente dos seres humanos*, já que ele foi alimentado por toda a evolução precedente. O resultado da evolução, desde seus estágios mais primitivos, não pode ser superado por um dos aspectos dessa mesma evolução. E a necessidade de *ajuda e apoio mútuos*, que nos últimos tempos se refugiou no estreito círculo da família, de vizinhos de favelas, da aldeia ou da associação secreta de trabalhadores, reafirma-se novamente, mesmo em nossa sociedade moderna, e reclama seu direito de ser, como sempre foi, o principal motor do progresso (...). (KROPOTKIN, 2009, p. 225) (*grifo nosso*)

Com esta crítica às organizações centralizadoras e capturadoras nesta sociedade de massa é que o autor busca valorizar e legitimar a história da evolução dos seres vivos que sempre trabalharam em cooperação em pequenos grupos para garantir a sobrevivência. Portanto, a necessidade de ajuda e apoio mútuos é de direito à solidariedade, que nos acompanha desde os tempos mais primitivos, e que, possibilita os constantes progressos em comunidade. E para isso ocorrer precisamos desmercantilizar nossas vidas!

Adoecemos dependentes de um Estado, de um mercado e de um patriarcado egoísta que retém a energia, potência, trabalho e riqueza entre os mesmos privilegiados, parasitas ou zumbis da meritocracia, sendo necessário que uma vida digna e plena seja estabelecida, vivida com qualidade por todos!

Que a reconfiguração dos jogos relacionais como forma de constituir a demodiversidade seja a transformação através de uma mudança de consciência e cultura, nesta sociedade mesquinha de privilegiados em que vivemos com nosso tempo sendo absorvido pelo dinheiro, prestígio e ego apenas. A construção de comunidades de ajuda mútua exige dedicação para questões que emergem e que precisam receber atenção no que torna indivíduos vulneráveis e impossibilitados para o trabalho comum em um grupo. Isto seria a solidariedade profunda mencionada por Kropotkin em um processo de

democratização real em nossa sociedade contemporânea que se caracteriza pela diversidade como Santos e Mendes trazem no livro “Demodiversidade: imaginar novas possibilidades democráticas” com alguns exemplos ocorridos pelo hemisfério Sul do planeta.

Ajuda mútua para uma sociedade mais próspera¹⁰

O primeiro passo para dar forma e constituir uma nova vida, de solidariedade e ajuda mútua, é acima de tudo perceber as condições de vida da maioria dos seres humanos nesta democracia que deixa por meses, anos, décadas e séculos (e não estamos exagerando) a maior parte de seus cidadãos ou integrantes à margem, no sofrimento solitário de sua própria vulnerabilidade.

Um exemplo concreto deste cenário de abandono por parte do Estado em relação às pessoas em maior vulnerabilidade e desolação está no livro “Quarto de Despejo: diário de uma favelada” de Carolina Maria de Jesus. No livro é relatada a rotina em um diário da própria autora de dentro da favela do Canindé em São Paulo nos anos 50. Abaixo está o recorte de dois dias de seu diário:

2 de setembro de 1955: Acendi o fogo e esquentei comida para os filhos porque não tinha dinheiro para comprar pão. Troquei os filhos que foram para a escola. E sai com a Vera. Quase fiquei louca. Porque havia pouco papel na rua. Agora até os lixeiros avançam nos que os catadores de papéis podem pegar. Eles são egoístas. Na rua Paulino Guimarães tem um depósito de ferro. Todos os dias eles põem o lixo na rua, e lixo tem muito ferro. Eu catava os ferros para vender. Agora, o carro que faz a coleta, antes de iniciar a coleta vem na rua Paulino Guimarães e pega o lixo e põe no carro. Nogentos. Egoístas. Eles já tem emprego, tem hospital, farmácia, médicos. E ainda vende no ferro velho tudo o que encontra no lixo. Podia deixar os ferros para mim.

...Passei a tarde arranjando as latas. Depois fui na Bela Vista buscar o caixote. Quando eu passava perto do Frigorífico o caminhão de ossos estava estacionado. Pedi uns ossos para o motorista. Ele deu-me um que eu escolhi. Tinha muita gordura.

...Fiz a sopa e comecei escrever. A noite surgiu. O João juntou-se e deitou-se. Puis a Vera no berço. O José Carlos estava na rua, com medo de apanhar, porque ele é muito porco. Sujou a camisa de barro. Eu fiz um chiqueiro e vou por ele morando com o porco. Hão de dar-se bem.

A Pitoca passou na rua convidando o povo para ir ver o cineminha. Chamou o João. Eu disse que ele já estava dormindo. Fui ver o cineminha. Era desenho da igreja.

No Play Boy que o Adhemar pois aqui para as crianças, a noite são os marmanjos que brincam. O Bobo fazia tanto barulho que deturpava o espetáculo. Os favelados pizam no fio elétrico que liga a máquina. E a máquina desligava. Os próprios favelados falam que favelado não tem educação. Pensei: vou escrever.

Quando eu voltava encontrei com o Paulo, que vive com a Dona Aurora. Ela tem uma filha mulata clara. Ela diz que a filha é filha do Paulo. Mas, as feições não condiz.

...Eu dormi. E tive um sonho maravilhoso. Sonhei que eu era um anjo. Meu vestido era amplo. Mangas longas cor de rosa. Eu ia da Terra para o céu. E pegava as estrelas na mão

¹⁰ Próspera não no sentido literal de enriquecimento, mas em sentido mais amplo de progressão, desenvolvimento e florescimento. Cooperação em uma sociedade que a abundância e fartura seja um direito de todos e não um privilégio.

para contemplá-las. Conversar com as estrelas. Elas organizaram um espetáculo para homenagear-me. Dançavam ao meu redor e formavam um risco luminoso.

Quando despertei pensei: eu sou tão pobre. Não posso ir num espetáculo, por isso Deus envia-me estes sonhos deslumbrantes para minh'alma dolorida. Ao Deus que me protege, envio meus agradecimentos.

3 de setembro: Ontem comemos mal. E hoje pior. (JESUS, 2014, p. 119;120)

Podemos identificar facilmente que pouco mudou na vida para alguém que está nesta extrema vulnerabilidade hoje em dia, no ano de 2020. A necessidade de reconhecermos aqueles que estão literalmente à margem do jogo democrático, seja ele qual for, é tarefa fundamental para, se quisermos, colocarmos em prática uma nova forma de vida, que não deixe absolutamente ninguém para trás no campo de possibilidades ou mesmo de oportunidades para que possam simplesmente realizar sua existência como seres humanos. Nesse sentido, há a necessidade de um salvamento econômico de vidas, para que elas simplesmente possam acontecer sem maiores riscos. Daí a necessidade de uma renda básica permanente como redução de danos a esta situação desumana em meio a tantos recursos que nos são roubados por um sistema injusto. Mas realmente precisamos depender do Estado para garantir esse direito de distribuição de renda com apenas migalhas provisórias decididas em consenso pelos governantes estaduais¹¹ pelo motivo da pandemia do coronavírus?

Que toda a energia, potência e novas formas de vida sejam aplicadas para fortalecimento de si em sua própria comunidade e dentro de toda a complexidade existente em nossa sociedade!

De acordo com Kropotkin, ao analisar as ideias desenvolvidas por Charles Darwin, em relação à teoria da evolução das espécies, os indivíduos de uma sociedade que se ajudam têm maior chance de prosperar e a evolução se deu devido à cooperação de comunidades inteiras para garantir a sobrevivência de todos, e não por conta da rasa leitura de que apenas os indivíduos mais fortes sobrevivem, uma espécie de seleção natural “meritocrática”.

Ao analisar a obra *A origem do homem*, de Darwin, Kropotkin diz:

Darwin escreveu algumas páginas memoráveis para ilustrar seu sentido próprio, o sentido amplo. Observou que, em inúmeras sociedades animais, a luta entre indivíduos pelos meios de subsistência desaparece, que essa luta é substituída pela *cooperação* e que essa substituição resulta no desenvolvimento de faculdades intelectuais e morais que assegura à espécie as melhores condições de sobrevivência. Ele sugeriu que, nesses casos, os mais aptos não são os mais fortes fisicamente, nem os mais astuciosos, e sim *aqueles que*

¹¹ Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/03/25/coronavirus-governadores-pedem-aplicacao-de-lei-que-preve-renda-basica-para-todos-os-brasileiros.ghtml?fbclid=IwAR3Rm4My2tVyT7TFwleft1kPGmKrwlcijufT5DybgOrzQQqMssD5gJmIKiU>. Acesso em: 02.04.2020.

aprendem a se associar de modo a se apoiarem mutuamente, fossem fortes ou fracos, pelo bem-estar da comunidade. “Aquelas comunidades”, escreveu ele, “que possuíam o maior número de membros cooperativos seriam as que melhor floresciam e deixariam a prole mais numerosa”. (KROPOTKIN, 2009, p. 20) (*grifo nosso*)

Dentro das atuais circunstâncias nacionais e globais, a ajuda mútua e cooperativa entre os indivíduos da sociedade parece ser a melhor maneira de enfrentarmos esta crise pandêmica, que impôs a todas as comunidades de indivíduos, novas dinâmicas sociais, morais, religiosas e de subsistência. Em defesa da vida e contra um Estado que, ao que parece, pretende suicidar seus indivíduos em nome da salvação da economia, há a necessidade de darmos uma nova função e prática para a economia, que não aquela já comumente aceita, de gerar lucros e riquezas para uns poucos indivíduos. A sociedade cooperativa necessária para ser constituída no futuro precisa, acima de tudo, redefinir, ou talvez, extinguir o Estado que retirou historicamente as funções sociais de cada indivíduo.

Segundo Kropotkin,

A absorção de todas as funções sociais pelo Estado favoreceu necessariamente o desenvolvimento de um individualismo desenfreado e tacaño. À medida que cresciam as obrigações para com o Estado, os cidadãos iam sendo evidentemente aliviados das obrigações de uns para com os outros. (...) O resultado foi o triunfo completo, no direito, na ciência e na religião, da teoria segundo a qual os homens podem, e devem buscar sua própria felicidade sem considerar as necessidades das outras pessoas. É a religião do dia, e duvidar de sua eficácia é ser um utopista perigoso. (...) Homens ‘práticos’ e teóricos, cientistas e pregadores, advogados e políticos, todos concordam em uma coisa: que o individualismo pode ser mais ou menos abrandado pela caridade em seus efeitos mais deletérios, mas é a única base segura para a manutenção da sociedade e de seu progresso. (KROPOTKIN, 2009, p. 181;182)

As palavras de Kropotkin, escritas na virada do século XIX para o XX, parecem ainda ser a ordem do dia. O individualismo desenfreado e tacaño aliviou as obrigações dos indivíduos de uns para com outros e, embora ainda possamos ver manifestações de solidariedade das pessoas em nossa atual situação, sua maioria ainda parece ser uma maneira de abrandar o individualismo pela caridade.

Ao entregarmos ao Estado nossas obrigações de cooperação e de ajuda mútua, chegamos ao atual estado pandêmico observando ações completamente desproporcionais daquele que deveria, segundo ele mesmo diz, organizar e cuidar de nossas vidas.

Várias são as ações atuais no Brasil que evidenciam o total desprezo e despreparo do Estado para cuidar de seus cidadãos, como por exemplo, a falta de clareza e de ação dos órgãos de saúde estatal para com a necessidade de se traçar um plano de percurso e contenção dos primeiros infectados confirmados, membros de uma seleta elite recém-

chegada da Europa, conforme já foi apresentado¹². O “estranho” caso de uma rede de saúde privada da cidade de São Paulo que não notificou (não mesmo?) as autoridades públicas sobre seus casos de infectados pelo vírus e mesmo não notificou a família da primeira vítima da doença no Brasil.¹³ A ausência completa de um plano de ação centralizado para realização de testes em massa, para mais rapidamente identificar os casos e serem devidamente isolados e tratados, bem como os questionáveis números de casos confirmados e mesmo lista oficial de mortos.¹⁴

Os casos apresentados acima, e que julgamos necessários para exemplificar nossa questão, representam situações que surgiram no decorrer da escrita deste texto e, provavelmente, novas situações como essas aparecerão nos próximos dias. Entretanto, vale a pena indagar que, talvez, a melhor maneira de um Estado Tirânico minimizar os efeitos da pandemia em um país como o Brasil, seja mesmo não questionar as situações levantadas acima.

Voltando ao nosso ponto central, da necessidade de se constituir novas formas de vida baseadas na demodiversidade, cooperação, coexistência e ajuda mútua, vale lembrar que existem estudos de comunidades humanas que apontam que em situações limites o Estado apareceria como organizador geral da sociedade e desaparecendo logo após a volta da normalidade, conforme demonstrou o antropólogo Pierre Clastres (2003) em *A sociedade contra o Estado*, e a forma como se organizavam os povos por ele estudados.

O atual modelo econômico, político e social é suicidário, porque ele há tempos vem colocando sua população em situações limite, no exato momento em que deveria conduzir

¹² Na Itália e na Espanha, enquanto locais que tiveram casos de infectados antes do Brasil, após o desastre, foi possível traçar um certo percurso das regiões que tiveram explosões de casos de infecção pelo vírus, especificamente após uma partida de futebol pela Liga dos Campeões, onde se enfrentaram o time italiano Atalanta x Valencia espanhol. O prefeito da cidade italiana de Bergamo, teria declarado que a partida teria sido uma verdadeira “Bomba Biológica”, como se pode ver na explicação do jornalista Mauro César Pereira em: <https://www.youtube.com/watch?v=otMTBKoiLnM>. Acesso em 02.04.2020.

¹³ Referimo-nos às seguintes matérias divulgadas pela mídia: <https://ricmais.com.br/noticias-coronavirus/primeira-vitima-coronavirus-brasil/>; <https://www1.folha.uol.com.br/columnas/monicabergamo/2020/03/prefeitura-investiga-prevent-senior-por-nao-informar-casos-de-coronavirus.shtml>; <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/03/18/prevent-senior-descarta-morte-por-covid-19-em-dois-casos-suspeitos-em-sp.htm>; <https://veja.abril.com.br/saude/prevent-senior-hospital-corona/>. Acesso em 02.04.2020.

¹⁴ Referimo-nos às seguintes reportagens noticiadas pela imprensa: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-52145795>; <https://www.esquerdadiario.com.br/Contrariando-dados-cientificos-governo-Bolsonaro-nao-ira-realizar-testes-em-massa-para-a-populacao>; <https://brasil.elpais.com/economia/2020-03-27/sem-treinamento-especifico-testes-rapidos-para-coronavirus-comprados-pelo-governo-podem-dar-falso-negativo.html>; <https://apublica.org/2020/03/sem-teste-para-coronavirus-mortes-em-servico-de-obitos-de-sao-paulo-sao-registradas-como-causa-indeterminada/>; <https://noticias.r7.com/minas-gerais/funeraria-recebe-32-mortos-por-insuficiencia-respiratoria-em-72h-23032020>; <https://brasil.estadao.com.br/noticias/geral,minas-investiga-excesso-de-corpos-em-funeraria-e-cogita-exumacao-para-testar-coronavirus,70003251680>. Acesso em 02.04.2020.

políticas e ações nacionais de preservação de seus cidadãos. Talvez, uma saída seja ajudar este Estado a suicidar a si mesmo, não o seu povo, que ele se anule a si mesmo, e a partir dele constituir uma nova forma de vida, porém, não há, nem nunca houve, receita ou fórmula de como e quando isso irá ocorrer, mas temos de estar prontos. Vemos inclusive, que ações de auto-organização já vêm ocorrendo, principalmente em locais onde a ausência estatal é visível mesmo em condições normais.¹⁵

Urge a necessidade de ação cívica de derrubarmos o Tirano que o ocupa hoje o cargo da presidência da república brasileira, nada dando a ele e seus tiranetes¹⁶, estes sempre existirão, porém, não podemos deixar que se sobreponham sobre a diversidade de indivíduos. Vale acrescentar, que nossa ação não passa por questionamentos por meio dos diversos mecanismos da internet, pois estes são dominados e controlados por tiranos e tiranetes. A nova forma de vida que devemos constituir passa inclusive por isso, em mudarmos nossa relação com a tecnologia e as redes sociais que ela cria.

Para que essa nova forma de vida floresça, é essencial que a sociedade seja empoderada e *gestione* suas próprias vidas em comunidades. Associações maiores devem se desenvolver quando ocorrem dificuldades, conflitos e guerras para garantir que um trabalho em unidade seja formado para o bem de todos!

Nossos períodos de quarentenas serão longos¹⁷ e cada dia será um novo aprendizado e uma nova experiência de vida, ainda não sabemos como enfrentá-los, nem como a população, a economia, a política e as relações sociais irão reagir e se adaptar a esta nova forma de existência no planeta, porém, uma coisa sabemos, como diz a música de Milton Nascimento, NADA SERÁ COMO ANTES!¹⁸

Bibliografia

¹⁵ Referimo-nos a ações da comunidade de Paraisópolis na cidade de São Paulo-SP. <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/reuters/2020/04/02/especial-sem-esperar-ajuda-do-governo-paraisopolis-contrata-medicos-para-combater-virus.htm>. Acesso em 05.04.2020.

¹⁶De acordo La Boétie, os tiranetes são os indivíduos da sociedade que mantêm o poder nas mãos do tirano: “(...) logo que um rei declarou-se tirano, tudo que é ruim, toda a escória do reino, (...) reúnem-se à sua volta e o apoiam para participarem da presa e serem eles mesmos tiranetes sob o grande tirano.” (LA BOÉTIE, 1987, p. 32). A lista de tiranetes dos dias de hoje é vasta, desde os negacionistas da ciência até os empresários que têm cobrado a volta ao trabalho.

¹⁷<https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/04/por-ate-dois-teremos-de-alternar-periodos-de-abertura-e-novas-quarentenas-diz-atila-iamarino.shtml>. Acesso em 05.04.2020.

¹⁸ <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/03/28/sair-do-isolamento-agora-e-querer-voltar-a-mundo-que-nao-existe-mais-diz-virologista-atila-iamarino.ghtml>. Acesso em 06.04.2020.

CLASTRES, Pierre. A sociedade contra o Estado – pesquisas de antropologia política. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

LA BOÉTIE, Etienne de. Discurso da Servidão Voluntária. São Paulo, Brasiliense, 1987.

JESUS, Carolina Maria de. “Quarto de despejo: diário de uma favelada”. São Paulo: Ática, 2014.

KROPOTKIN, Piotr. “Ajuda mútua: um fator de evolução”. São Sebastião; A Senhora Editora, 2009.

SAFATLE, Vladimir. Bem vindo ao estado suicidário. São Paulo, n-1 edições, 2020.

SANTOS, Boaventura de Sousa. MENDES, José Manuel. (Orgs.). “Demodiversidade: imaginar novas possibilidades democráticas”. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Democratizar a democracia: os caminhos da democracia participativa. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2002.